

DÁ CERTO MOBILIZAÇÃO DOS MORADORES CRIA OPÇÕES PARA AS CRIANÇAS DO ALAGOANO

Investimento em cultura muda imagem de um bairro violento

AJ19646

O resgate da cidadania é a principal arma do Alagoano contra a criminalidade e a violência na região

SANDRESA CARVALHO
scarvalho@redegazeta.com.br

No dia 11 de dezembro de 1995, equipes de policiais militares subiram as ruas do Morro dos Alagoanos, em

Vitória, em busca de um suspeito de ter assaltado uma clínica na Enseada do Suá. Um cerco foi realizado e, depois de uma troca de tiros em plena rua, o assaltante acabou sendo preso.

Dez anos depois, essa cena dificilmente seria vista na região. A implantação de ações sociais voltadas principalmente para as crianças e pré-adolescentes mudou a fama e a realidade do morro, que deixou de ser conhecido como um lugar violento, onde se escondiam e operavam criminosos perigosos, para ser lembrado como um point cultural da capital.

As ações que mudaram a fama do morro começaram em 1987, com um projeto de plantio de árvores da Mata Atlântica, e nunca mais pararam, segundo Raimundo de Oliveira, idealizador do movimento e que até hoje busca alternativas para mudar a imagem da região.

Atualmente, quatro oficinas funcionam no Morro dos Alagoanos, três delas voltadas para crianças de oito a 13 anos de idade. A idéia é ocupar as noites da garotada, tirando-as das ruas e, ao mesmo tempo, levar conhecimento ou opção de renda aos meninos e meninas.

As aulas de canto, dança de salão

e bordado são oferecidas por professores voluntários e ocorrem em dias alternados, na sede do centro comunitário do bairro.

Já o trabalho de resgate interior através do psicodrama é a única oficina aberta também para adultos, e ocorre duas vezes por mês.

“A opção pela criança tem vários motivos. Ela é mais sensível, mais maleável, além de ser o adulto de amanhã. E educando a criança, não há a necessidade de punir o adulto. Se o Estado gastasse mais em educação fundamental, diminuiria a quantidade de presidiários nas cadeias”, analisa Raimundo.

Se por um lado as oficinas fazem com que as crianças descubram talentos escondidos, por outro trazem alívio aos moradores, porque sabem onde estão seus filhos.

“É uma coisa boa para a criança e também para a mãe, que sabe que o filho está estudando”, afirmou a encadernadora Rosângela de Jesus Nascimento, 45 anos. A filha dela cursou a oficina de canto durante três anos, até a idade limite.

“Não digo que não existam problemas, que não tenha tráfico, por exemplo, mas eles não interferem nas nossas ações”, explicou Raimundo de Oliveira.



FOCO. As crianças são os principais alvos das ações para uma vida melhor no Alagoano. FOTO: GILDO LOYOLA

População e Governo devem agir na prevenção

Na análise do secretário de Segurança Pública e Defesa Social, Rodney Rocha Miranda, não há como se falar em apenas um fator como causa da violência, o que pode explicar o sucesso das iniciativas do Morro do Alagoano em mudar a imagem do bairro, antigamente tido como um dos mais violentos de Vitória.

“A criminalidade e a violência têm uma série de fatores, e eu não vejo apenas um como sendo o determinante desse cenário. Podem ser políticas equivocadas de segurança pública? Pode. Ou políticas sociais? Também pode”, analisa.

O secretário revela que o fator econômico também deve ser relacionado entre as causas. “Um dos motivos pode ser o fator econômico, que pesa bastante”, diz.

Mas ele ressalta a importância da participação de todos na mudança do cenário: “Um exemplo positivo aqui no Estado é o Morro do Alagoano, uma parceria entre a comunidade e o poder público, com uma série de ações sociais e até estruturais, como construção de esgotos, pavimentação de ruas e iluminação reduziu drasticamente a criminalidade dentro da comunidade”.

Rodney Miranda analisa que - como os fatores que geram a violência são múltiplos - a solução para o problema também deve vir de vários locais, e não apenas através uma ação específica das instituições de segurança pública.

“São vários fatores que levam ao aumento da criminalidade. E o remédio é também a ação de vários setores do poder público, das comunidades e da população no sentido de reverter esse quadro”, conclui.

“Esse tipo de iniciativa deve ser de todos”



INCENTIVO. “O meu filho começou com as aulas de canto aos nove anos, foi ouvindo os colegas falarem e decidiu que também queria. Ele falou com a mãe, que deixou. Eu também apoiei, pois procuramos incentivar as crianças para a área de cultura. O bairro ainda é considerado área de risco, mas melhorou muito. É por isso que devemos manter as crianças em atividades culturais, ocupadas. Acredito que esse tipo de iniciativa, de criar acesso a cultura, deve ser de todo mundo, da comunidade e dos governos. Eu sempre procurei incentivar o meu filho. Tanto que quando ele se apresentava com o coral, sempre íamos assistir. Ainda lembro da primeira vez: foi numa Sexta-feira da Paixão e ele fez o papel de Cristo. Foi muito emocionante para mim”, explicou o segurança Deusdeth Cabral, de 43 anos. FOTO: GILDO LOYOLA

“Melhor ter o filho estudando do que na rua”

ALÍVIO DE MÃE. “Tenho três filhos, e a do meio fez as aulas de canto. Começou com oito anos, hoje ela tem 16 anos e não vai mais. Foram as coleguinhas que chamaram. Ela quis ir e eu deixei, acho importante a criança aprender. Além do mais, é melhor que ela fique em um lugar estudando do que na rua. Eu apóio essas aulas, com certeza, acho que em toda comunidade deveria haver um programa desses, porque é bom para a criança e também para as mães, que podem trabalhar mais tranquilas. Hoje, a minha filha canta pouco, mas na época das aulas ela treinava muito. Ela estudava de manhã e fazia as aulas de tarde. Eu recomendo aos outros pais que deixem seus filhos irem a essas aulas”, explicou a encadernadora Rosângela de Jesus Nascimento, 45 anos.

FOTO: GILDO LOYOLA



Nas ruas, o clima é de tranquilidade no Alagoano

Manhã de uma terça-feira de sol firme e céu azul. A tranquilidade meteorológica reflete o clima do Morro do Alagoano, onde as ruas calmas ainda contrastam com a fama de local violento que sempre rondou o bairro.

Nas ruas, asfaltadas e bem limpas, os moradores cumprimentam-se e sempre param para uma ou outra conversa. “Eu sempre digo a quem nos visita que moramos no morro, mas não na favela”, afirma Raimundo de Oliveira, 59 anos.

A sensação de tranquilidade é compartilhada pelos voluntários que cedem um pouco de seu tempo para orientarem as crianças da região. “Eu nunca tive medo de subir o morro, talvez porque venha do Rio de Janeiro e lá eu sempre subia os morros, por causa de um projeto de levar a dança a crianças das favelas”, afirmou o professor de dança de salão Roberto Cigano.

Ele contou que decidiu implantar a oficina de dança no morro depois de ir a um Festival de Música de Botequim (Femusquim), há três anos. Roberto afirmou que nunca teve problemas na região.

“Mesmo aquelas pessoas envolvidas em coisas erradas respeitam o nosso trabalho e nunca tive problemas com qualquer pessoa lá”, afirmou o professor.

Segundo Roberto, o que poderia melhorar a situação das crianças no bairro seria um maior apoio por parte das autoridades públicas ou de empresários, para patrocinar os alunos, com doação de roupas e materiais para as aulas. “Muitas crianças não tem como comprar roupas para as apresentações”, afirmou.

Bordando o futuro

RENDA. Além de ocupar as crianças e adolescentes, a oficina de bordado ainda tem um atrativo a mais: permite que elas aprendam uma profissão, que vai lhes garantir emprego ou uma renda extra, caso queiram comercializar suas produções ao final do curso, que dura cerca de um mês. São duas aulas por semana, às terças e quintas-feiras, das 18h30 às 20 horas. Os alunos já começam a produzir as peças bordadas a partir da segunda aula e tanto meninos quanto meninas podem participar da oficina. Dez crianças são treinadas por turma, uma vez que o espaço físico não comporta mais alunos de uma só vez. Ao final de um mês de aulas, abrem-se novas vagas. O limite de idade vai até os 15 anos, para permitir que mais pessoas tenham acesso à capacitação.

Bolero e cia.

EXPRESSÃO CORPORAL. Bolero, rock, salsa, samba. Para 12 crianças de oito a 13 anos de idade, aprender a dançar é uma forma de sair das ruas, ocupar o tempo e também para aumentar a auto-estima. As aulas são de 18h30 às 22 horas, sempre às sextas-feiras (afinal, nada melhor que dançar para começar bem o final de semana). São seis casais de crianças que têm aulas com os professores Roberto Cigano e Denise Marcheti, e aprendem diversas modalidades de dança de salão, das mais marcadas - como bolero - às mais livres, como o rock'roll. Como o espaço é restrito, apenas seis casais de crianças participam da oficina e é preciso esperar que alguém complete 13 anos para que uma vaga seja aberta. As aulas acontecem no espaço do centro comunitário.

Desenhos da alma

VENCENDO DRAMAS. A oficina de psicodrama é a única aberta também para maiores de 17 anos. Duas vezes por mês, sempre aos sábados, voluntários da empresa Pegasus vão até o morro para oferecerem um trabalho de resgate da auto-estima, através da interação permitida pelo psicodrama. Adultos, jovens e crianças podem conversar sobre seus problemas ou frustrações. Através da arte - principalmente com o uso de desenhos com temas livres - o morador pode desenvolver seu interior, solucionar traumas e interagir com os demais e com os profissionais que atuam na oficina. Atualmente, seis moradores participam das reuniões, que ocorrem na sede da associação de moradores, mas todos são convidados a participar.

Soltando a voz

EMOÇÃO. Soprano, tenor, contralto. Árias de Vila Lobos. Músicas folclóricas e populares. É em meio a esse universo que cerca de 40 crianças passam parte das noites de segunda-feira, no Morro do Alagoano, em Vitória. A oficina de canto é coordenada pela regente Gina Denise e é aberta a quem quiser participar das aulas, sem necessidade de inscrição prévia na oficina. Como não há limite máximo de alunos nas aulas de canto e nem no coral, basta que a criança vá ao centro comunitário para começar a participar das aulas. O enfoque são as músicas folclóricas e populares, além de composições de Vila Lobos e as aulas acontecem sempre de 18h30 às 22 horas. Depois da aula, normalmente é servido um lanche aos alunos.